



Universidades Lusíada

Marinho, Maria Manuela

Notícia sobre o projecto de formação para «agentes de desenvolvimento em zonas rurais»

<http://hdl.handle.net/11067/3490>

Metadados

Data de Publicação	1985
Palavras Chave	Serviço social rural - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 02-03 (1985)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:22:04Z com informação proveniente do Repositório

NOTÍCIA SOBRE O PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA «AGENTES DE DESENVOLVIMENTO EM ZONAS RURAIS»

** Manuela Marinho*

Breve historial

O ISSS-CRL candidatou-se em 1985 a verbas do Fundo Social Europeu para a realização, no ano de 1986 de uma acção de formação cuja finalidade era formar Assistentes Sociais como Agentes de Desenvolvimento em zonas rurais. Inicialmente previsto para 24 técnicos, mas que o F.S.E. restringiu para 13, está a decorrer desde 29 de Setembro até 19 de Dezembro, num total de 429 H. teórico-práticas.

Objectivos e curriculum do curso

Conjugando os interesses da Escola com as exigências do Fundo Social Europeu, o curso foi estruturado com um objectivo fundamental que é o de preparar Assistentes Sociais, mulheres, já com alguma prática profissional (3 anos) e maturidade pessoal (obrigatoriamente mais de 25 anos) para trabalharem em zonas rurais de um modo integrado, coordenando as problemáticas específicas dos seus locais de emprego com uma perspectiva mais ampla do desenvolvimento a qual abrange todos os aspectos do tecido social. Este objectivo implica, obviamente, outro não menos importante, que é o de fixar técnicos nas zonas geográficas até hoje mais desprotegidas pelos serviços, tornando-se facilitadores dos processos de mudança que são já inevitáveis. Pretende-se, assim reabrir hipóteses de trabalho numa área que, inexplicavelmente, se foi fechando ao Serviço Social e que actualmente, dada a premência de situações que as populações estão e/ou vão viver num futuro mais próximo, urge retomar.

* Coordenadora do Projecto. Assistente Social e Professora do ISSS.

De facto, se há muito que as zonas rurais portuguesas têm estado sujeitas a mudanças, estas, face à entrada na Comunidade Europeia, vão ser profundamente aceleradas.

E não é possível evitar o custo económico, social e individual que toda a mudança provoca, é possível, em contrapartida, trabalhar com as populações no sentido de estas passarem da situação de objecto à de actores, ou seja, desenvolvendo as suas capacidades cognitivas, organizativas e relacionais, decidirem das estratégias a adoptar, encontrando alternativas para a sua participação, descobrindo novos significados, recriando espaços, experimentando outros hábitos de vida, procurando, todavia sempre, manter os enraizamentos culturais que as identificam.

Neste sentido, a preocupação central deste curriculum é de dotar os técnicos — tendo sempre como «background» os princípios teóricos do Serviço Social, norteadores de uma prática social estruturada — de uma percepção alargada das alterações económico-sociais no campo específico da agricultura, proporcionando-lhe instrumentos de análise neste domínio para actuarem na prossucussão dos interesses sentidos, consciencializados e expressos pela população, procurando enfim transformar o custo referido em força positiva de mudança.

O curso debruça-se, pois, sobre as seguintes matérias:

- Serviço Social — Quadros de Referência para a Intervenção em Meio Rural
- Estrutura, Economia e Política Agrárias no Quadro da Integração Europeia
- Associativismo e Cooperativismo no Desenvolvimento Rural
- Espaço Social Rural — Especificidade, Funções e Transformações
- Comunicabilidade e Sociabilidade em Meio Rural

Assim, o Serviço Social funciona como «filtro» de todas as outras matérias, i.é., estas são dadas na perspectiva de que os técnicos a formar têm um campo específico de trabalho envolvendo o quotidiano das pessoas, as teias sociais que se constroem no dia-a-dia, nunca perdendo a perspectiva global da sociedade em que estão inseridas.

A responsabilidade de leccionação desta área é da A.S. Marília Andrade (professora no ISSS-CRL) e da Dr.^a Tília Fonseca, bem conhecida pela sua larga experiência de análise e trabalho em zonas rurais.

No que respeita às cadeias de Estrutura Agrária, Associativismo e Espaço Social Rural, dada a especificidade destas matérias, foram contactados professores e assistentes do Instituto Superior de Agronomia, que prontamente acederam a leccionar essas áreas, tendo em atenção os objectivos da formação e o perfil das participantes. Deste modo, o curso conta com a colaboração constante dos Professores Fernando Baptista e Belo Moreira e dos Engenheiros Isabel Rodrigo e Carlos Cabral.

Cabe ao Antropólogo Joaquim Pais de Brito (ISCTE) e ao Sociólogo Orlando Garcia (ISSS) o desenvolvimento da matéria sobre Sociabilidade em Meio Rural, e à Dr.^a Henriqueta Ribeiro Soares a responsabilidade da área de Comunicabilidade (numa perspectiva de Análise Transaccional).

A metodologia utilizada nas aulas compõe-se de uma parte expositiva no que concerne às «teóricas», e de estudo de casos, trabalho de grupo para discussão de

textos, preparação de intervenções, autoscopia, visitas de estudo, contacto directo com organizações, etc., no que respeita às «práticas». Aliás, do ponto de vista da aprendizagem de adultos, a apropriação dos conhecimentos tem de passar sempre pela própria experiência de quem aprende, dependendo bastante da relação estabelecida o êxito da formação, sendo a diferenciação feita meramente académica.

Participantes

Quem são, pois, as participantes desta acção?

Como foi dito anteriormente, são mulheres, com mais de 25 anos, com o curso de Serviço Social e três anos de experiência profissional, que vivam e trabalhem em zonas rurais, ou a tal se disponham.

Das variadas inscrições recebidas num tempo muito limitado foi possível seleccionar as 13 formadas.

As participantes têm experiências pessoais e profissionais muito díspares. A sua idade varia entre os 26 e os 60 anos, vêm de zonas diferentes, tais como Porto, Barcelos, Fafe, Ponte de Lima, Coimbra, Castelo Branco, Estarreja, Pombal, Funchal e Lisboa. Trabalham nas estruturas que tradicionalmente empregam estas técnicas, Segurança Social (IPSS's e Centros Regionais), Câmaras Municipais (GAT's), estando duas delas actualmente desempregadas. Trazem consigo um olhar diferenciado sobre a realidade e as inquietações de quem é profissional e se confronta.

Algumas vêm por sua conta e risco, os serviços ainda estão pouco sensibilizados à urgência destas problemáticas...

Todas têm feito um esforço notável no sentido de integração no grupo e sua coesão e de relação das matérias ensinadas/aprendidas com a prática profissional.

Comparticipações

Cabe ao Fundo Social Europeu e ao Departamento para os Assuntos do Fundo Social europeu o financiamento de 90% da acção, ficando o ISSS-CRL obrigado aos restantes 10%, sendo da sua responsabilidade a montagem, execução e coordenação do Projecto, do ponto de vista pedagógico e administrativo.

E depois de Dezembro?

Oportunamente será dada notícia das avaliações finais. Neste momento ainda é cedo, visto o curso estar em plena laboração.

Todavia, uma conclusão é já possível: a dinâmica criada quer quanto à Escola, quer quanto às participantes e serviços, não pode acabar com o final do próprio curso. Este é apenas uma «semente» capaz de dar bons frutos, quando devidamente acompanhado.

E se estas técnicas ficam de facto com mais instrumentos para actuarem no seu âmbito profissional, cabe também aos serviços onde trabalham ou venham a trabalhar, a responsabilidade de proporcionar oportunidades efectivas de uma

intervenção coerente com vista ao desenvolvimento da população utente, pois quanto mais esta se autonomiza, mais aqueles crescem e se desenvolvem. A mudança não passa só pela população, mas sim também pelas estruturas organizacionais e pelos técnicos que lhe dão voz... E, em última análise, avaliar essa mudança é sempre avaliar também o trabalho profissional e a competência das instituições.